

## **O valor econômico da cultura para o Brasil a partir dos anos 1990**

**Prof. Dr. Judite Sanson de Bem**  
Centro Universitário La Salle (UNILASALLE)

jsanson@terra.com.br

**Prof. Ms. Nelci Maria Richter Giacomini**  
Centro Universitário La Salle (UNILASALLE)  
nelcig@uol.com.br

**Werner Baingo**  
Centro Universitário La Salle (UNILASALLE)  
wernerbaingo@ig.com.br

### **Resumo**

A importância da cultura decorre do fato de ser um setor produtor de riqueza material, responsável pela formação da identidade dos indivíduos e dos povos. O crescente interesse pela temática deve-se a UNESCO e a outras organizações internacionais que vêm dedicando atenção à produção de conhecimento sobre as especificidades e potencialidades das atividades, dentro de um contexto mundial e de evolução dos modos de produção, distribuição, consumo e de mudanças dos produtos culturais. O ramo da ciência econômica definido como Economia da Cultura, constitui-se em um instrumental analítico para resolver questões ligadas aos efeitos econômicos da cultura sobre a economia. O estudo das relações entre as atividades culturais de uma região e as produtivas, geram reflexos sobre como emprego, geração de salários, lucros, prestação de serviços e produção de bens. Utilizando-se de revisão de dados secundários, o objetivo deste trabalho é apresentar os efeitos que o setor cultural proporcionou sobre algumas variáveis sócio-econômicas no Brasil no período posterior aos anos de 1990. Concluiu-se que, além de ser um conjunto amplo de atividades, mostra uma evolução de empregos e as maiores remunerações se concentram em artes e cultura de elite, embora a maioria receba entre 0,5 a dois salários mínimos, empresas de pequeno porte e uma balança comercial muito pouco expressiva frente os demais produtos.

**Palavras-chave:** Economia da Cultura, Brasil, Desenvolvimento Econômico

### **Abstract**

The importance of culture derives from the fact of being a productive sector of material wealth, responsible for the formation of the identity of individuals and peoples. The growing interest in the area due to UNESCO and other international organizations have devoted attention to the production of knowledge about the characteristics and potential activities within a global context and trends in the production, distribution, consumption and changes in cultural products. The branch of economics defined as the Economy of Culture, is on an analytical tool to resolve issues related to the economic effects of culture on the economy. The study of relations between the cultural activities of a region and the production, generate reflections about employment generation, wages, profits, services and goods production. Using a review of secondary data, the goal is to present the effects of the cultural sector brought about some socio-economic situation in Brazil in the period after the 1990s. It was concluded that, besides being a wide range of activities, shows an increase of jobs and higher salaries are concentrated in the arts and high culture, though most earn between 0.5 to two times the minimum wage, small businesses and a trade balance so common ahead of the other products.

**Keywords:** Economy of Culture, Brazil, Economic Development

**Área temática: 7. Desenvolvimento Regional**

## **Introdução**

A relação entre a economia e a cultura começou a ser explorada de forma mais consistente nos anos de 1960. A época buscava-se uma justificativa científica e com bases racionais que justificasse a manutenção dos recursos destinados, sobretudo, às instituições culturais, mostrando de forma tangível, real e mensurável que os recursos repassados à cultura eram perfeitamente classificáveis como investimento. Para tal era necessário justificar estas atividades, à medida que, envolvendo recursos para ser produzida e geradora de resultados, afetaria a economia. O primeiro trabalho nesta área a satisfazer esta demanda foi desenvolvido por Ana Willian Baumol e Willian Bowen, em 1965, intitulado Artes performáticas: o dilema econômico (*Performing arts: the economic dilemma*)<sup>1</sup>, pois embora os custos fossem maiores e a produtividade do setor menor, as despesas e subsídios se justificariam pelos impactos que causariam na demanda por mão de obra.

A proposta da economia da cultura é avaliar esse efeito multiplicador das atividades culturais na economia, ou seja, o impacto que essas relações produtivas geram, comparado ao que custou.

No Brasil, os principais incentivos financeiros à cultura são efetivados por intermédio da Lei Rouanet e Lei do Audiovisual, criada para se tornarem elos entre o setor privado e a cultura, pois permitem que as empresas recebam apoio do Governo, para transformar ações culturais em indústrias culturais capazes de gerar insumos econômicos.

Este trabalho tem por objetivo apresentar, brevemente, os conceitos que envolvem as relações entre a economia e a cultura, bem como indicadores socioeconômicos que as diferentes atividades culturais provocam em uma sociedade.

## **1 Cultura e Economia: Conceito e Importância Econômica**

As atividades culturais dentro da sociedade contemporânea ganham cada vez mais importância, impactando diretamente na economia em geral, ao gerar empregos e

---

<sup>1</sup> Tal obra não foi traduzida para o português.

renda, produção e demanda, promovendo arrecadação de impostos e incremento no Produto Interno Bruto (PIB)<sup>2</sup>.

A importância da cultura decorre do fato de ser um setor produtor de riqueza material, responsável pela formação da identidade dos indivíduos e dos povos. O crescente interesse pela temática deve-se ao número de países e organizações internacionais que vêm dedicando atenção à produção de conhecimento sobre as especificidades e potencialidades das atividades, direta ou indiretamente relacionadas à cultura, dentro de um contexto mundial e de evolução dos modos de produção, distribuição, consumo e de mudanças dos produtos culturais.

O ramo da ciência econômica definido como Economia da Cultura, constitui-se em um instrumental analítico para resolver questões ligadas aos efeitos econômicos da atividade cultural.

De acordo com Reis (2003) a relação entre cultura e economia é muito mais antiga do que possa parecer. Esses dois conceitos foram unidos, a partir do século XX, denominada de Economia Criativa<sup>3</sup>. Porém, já em 1946, a França e os Estados Unidos fizeram um acordo pós-guerra que trocava recursos econômicos, isto é, perdão de dívidas francesas e novos empréstimos bancários, por cultura como a abertura dos cinemas franceses aos filmes norte-americanos. A partir da década de 1950 até os dias atuais a economia criativa só evoluiu, vindo a se tornar uma das maiores fontes de comércio internacional.

Schumpeter<sup>4</sup> na década de 1950 já entendia que a relação entre economia e criatividade era relevante (apud VALIATI e FLORISSI, 2007, p. 15):

[...] em sua teoria<sup>5</sup> relacionou a inovação com o desenvolvimento econômico. Nesse caso, a criatividade do artista, como inovação no processo produtivo, é a fonte geradora de riqueza e o motor que faz com que ele se movimente em direção a estágios mais desenvolvidos.

---

<sup>2</sup> O Produto Interno Bruto (PIB): “Refere-se ao valor agregado de todos os bens e serviços finais produzidos dentro do território econômico de um país, independentemente da nacionalidade dos proprietários das unidades produtoras desses bens e serviços. Exclui as transações intermediárias, é medido a preços de mercado” (SANDRONI, 1999, p. 459).

<sup>3</sup> Economia criativa compreende as atividades que se fundamentam na criatividade humana, trazem a cultura em sua essência e acenam com a geração de riqueza e empregos. De modo geral, envolve as artes e tradições, as indústrias culturais e uma série de setores que se inspiram em cultura para gerar produtos funcionais, como arquitetura, moda, *design*, propaganda e jogos (REIS, 2007).

<sup>4</sup> SCHUMPETER, Joseph. A Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982 (Coleção Os Economistas).

<sup>5</sup> Em sua teoria, Joseph Schumpeter (1982) tenta elucidar a extrema importância que as inovações geram no desenvolvimento econômico, criando um novo *boom* no sistema, fazendo com que esse se movimente para um nível mais elevado (VALIATI e FLORISSI, 2007, p. 15).

Conforme Reis (2007), Ana Willian Baumol e Willian Bowen, em 1965 publicaram um estudo que lhes valeu a alcunha de precursores da economia da cultura – Artes performáticas: o dilema econômico (*Performing arts: the economic dilemma*)<sup>6</sup> em 1969 – em que os autores defenderam o subsídio às artes pelo fato destas serem atividades que utilizam o trabalho de modo intensivo. Ao contrário de outros setores, nos quais o emprego intensivo da tecnologia gera ganhos de produtividade e uma conseqüente redução nos custos, as companhias e as instituições culturais teriam seus custos relativos progressivamente mais elevados, mas se justificariam pelos impactos que causariam na demanda por mão de obra.

A busca da mensuração do impacto da cultura na economia pode ocorrer por intermédio dos efeitos que os investimentos em cultura apresentam e deve ser considerada em conjunto com toda a variedade de benefícios que esta oferece à região.

Há duas formas de cultura: a da produção cultural material contida em livros, filmes, artesanatos e outros, e aquela que identifica um grupo de pessoas com valores compartilhados como, por exemplo, times de futebol, nacionalidades, entre outros.

A cultura interage em uma série de setores que permeiam a existência humana, tais como: o turismo, a economia, a sociedade, o meio ambiente, e outros.

Mais recentemente a cultura passou a ser considerada com maior ênfase como uma ferramenta para o desenvolvimento sócio-econômico de um país uma vez que eleva a economia de uma região. O entendimento dessa questão vem se firmando como um desafio, pois engloba os conceitos de: indústria criativa e de economia criativa.

O conceito de economia criativa teve sua origem inicialmente no ano de 1994, na Austrália, e ganhou importância quando, em 1997, o então primeiro-ministro britânico Tony Blair, preocupado com as perspectivas econômicas de seu país no cenário competitivo mundial, diante de um quadro de decadência manufatureira, identificou treze setores que poderiam reerguer a economia nacional. A eles deu o nome de indústrias criativas.

No Brasil, a discussão sobre economia criativa teve início em abril de 2005, com a realização do Fórum Internacional de Indústrias Criativas, em Salvador. Em novembro de 2006 a questão ressurgiu com a inclusão de um módulo especificamente voltado à economia criativa, no Fórum Cultural Mundial realizado do Rio de Janeiro.

---

<sup>6</sup> Tal obra não foi traduzida para o português.

Os critérios utilizados pelo Instituto de Economia Criativa no Brasil (IECB), para definir as atividades orientadas pelo conceito criativo vão além do modelo britânico. Para IECB, o que caracteriza uma empresa criativa é a sua capacidade de se organizar de maneira a inovar, ou seja, o modo como desenha os processos, o modelo de negócios, como desenvolve os talentos.

## 1.1 O Conceito de cultura e o impacto da cultura na economia

Para Rounet<sup>7</sup> (apud BARACHO; REIS, 2008, p. 79):

A definição de cultura é inumerável e muitas vezes misturam pontos de vista sociais, estéticos, econômicos e políticos. Visto que os contornos precisos não se impõem espontaneamente, as escolhas devem ser efetuadas a fim de permitir uma organização da informação econômica do setor.

A cultura deve ser compreendida como todas as formas de expressão artística e todo o patrimônio material e simbólico da sociedade, em que forma a memória e a identidade de um povo.

Faria (2000, p. 19) argumenta que:

Cultura é, fundamentalmente, desenvolvimento humano: construção de valores da paz e da solidariedade, modos de vida culturalmente saudáveis, imaginário rico e eivado de utopias possíveis e impossíveis, geração de emprego e renda que valorize raízes e escolhas, identidades abertas e novas tendências, poéticas de um mundo novo. Enfim, é também um espetáculo que celebra a comunidade humana e não apenas o sombrio mundo dos negócios.

Silva (2007a, p. 191) corrobora com Faria (2000) ao citar como características da cultura:

- Uma atividade econômica que não depende de recursos esgotáveis, não polui o meio ambiente e utiliza como insumo básico a criação e a inovação. - Uma atividade econômica que desenvolve produtos com alto valor agregado, concentrador de mão-de-obra e geradora de ocupação em todos os níveis profissionais, promotora de maior arrecadação de tributos e investimentos em infra-estrutura e desenvolvimento. - Uma atividade que vincula o desenvolvimento econômico ao desenvolvimento social; seja pelo potencial inclusivo que abarca, seja pelo aprimoramento humano inerente à produção e à fruição cultural. - Atividade reconhecida em vários países, como um setor estratégico e vetor de desenvolvimento sustentável.

---

<sup>7</sup> ROUNET, François. *L'approche économique de la culture: esquisse d'un bilan. Culture et Recherche*, n. 68, Paris: [s. ed.], 1998.

A cultura e as artes movimentam parte da economia mundial. Segundo Reis (2003, p. 51):

As relações entre economia e cultura são revestidas de grandes polêmicas no mundo acadêmico. Para alguns, se a cultura for compreendida [...] como o que dá a um povo sua distinção (valores, hábitos, atitudes, criações), a economia seria parte da própria cultura. O que nos interessa aqui, porém, é a forma como o setor cultural impulsiona a economia de um determinado local ou sociedade. Toda e qualquer atividade que se desenrola dentro de uma região, envolvendo recursos para ser produzida e gerando um resultado, afeta a economia. A proposta da economia da cultura é justamente avaliar esse efeito multiplicador das atividades culturais, ou seja, o impacto que esse investimento gera, comparado ao que custou.

A relação entre economia e cultura constitui-se em um instrumento analítico, para resolver questões ligadas aos efeitos econômicos da atividade cultural, como aquelas relacionadas à geração de emprego e renda, além das renúncias fiscais que envolvem o setor.

Ainda conforme Reis (2007, p. 53):

O Estado tem um papel múltiplo, que exige vontade política, qualificação institucional e recursos. Não se trata de reabilitar o Estado produtor de cultura, ou o Estado dirigista. Ao contrário. Parte-se do princípio de que o Estado pode e deve estimular um ambiente favorável ao desenvolvimento de empresas e criadores, para que o mercado possa ampliar-se e realizar seu potencial, não apenas de auto-sustentabilidade, mas de ganhos sociais [emprego, renda, inclusão são consumo de bens culturais].

O Estado tem como um dos seus objetivos o fortalecimento da economia da cultura, seja no desenvolvimento de regiões com potencial cultural, seja no planejamento das ações, na articulação dos agentes econômicos e criativos, na relação dos interesses dos agentes econômicos e dos interesses da sociedade, assim como na fiscalização das atividades.

A economia é a ciência que estuda a administração de recursos escassos, necessários para o desenvolvimento de uma sociedade. É, portanto, uma das dimensões da cultura. E a economia da cultura por sua vez, se constitui um campo da economia, em que a expressão serve para definir este campo.

A cultura da economia estuda, essencialmente, a influência dos valores, das crenças e dos hábitos culturais de uma sociedade em suas relações econômicas.

Conforme Baracho e Reis (2008, p.130): “[...] do ponto de vista da economia, a expressão "cultura da economia" identifica o conjunto de atividades econômicas relacionadas à cultura”.

Para executar as atividades culturais realizam-se dispêndios, como locação, restauração ou construção de imóveis, compra de equipamentos, contratação de serviços, entre outros. Ao estimular o turismo, existem os gastos de consumo de bens e serviços pelo público visitante. Esses dispêndios têm um efeito multiplicador sobre a renda e empregos gerados.

Conforme Brant (2002), uma nação desenvolvida, rica, independente, poderosa é, antes de tudo, uma nação culturalmente pujante, com forte identidade cultural. Desta forma, a cultura configura-se como uma das movedoras do desenvolvimento sustentável.

## **1.2 A Importância da economia da cultura**

A economia da cultura dedica-se aos produtos e serviços que têm valor econômico e valor cultural. Como valor econômico pode-se citar aquilo que as indústrias culturais utilizam como matéria-prima (artesanato, artes visuais, artes cênicas, música e outros) na geração de produtos (livros, discos, filmes, fotografias e outros) e os equipamentos culturais onde são apresentados como: teatros, cinemas, museus, galerias de arte, entre outros.

Reis (2003, p. 36) a economia da cultura:

[...] abarca setores não ligados à cultura [como patentes industriais e tecnológicas]. As Indústrias Culturais incluem moda, música, audiovisual, *design*, *web*, *software*, fotografia, atividades culturais nas áreas de teatro, museus, artes plásticas, danças, *shows*, e eventos relacionados ao lazer.

As indústrias culturais, do ponto de vista da cultura, tratam do conjunto de atividades culturais com impacto econômico. Pode-se incluir, neste conjunto, qualquer prática cultural que, direta ou indiretamente, gere valor econômico. Além do valor, a cultura apresenta-se como um recurso ilimitado de uma sociedade, sendo um conceito ainda pouco explorado.

Reis (2003, p. 53) define como indústrias criativas: “[...] as que utilizam a criatividade individual para gerar direitos de propriedade intelectual e, em decorrência, riquezas e empregos”. A autora observa que a definição abarca setores não ligados à cultura, tais como as patentes industriais e as tecnológicas.

O valor econômico de um museu pode ser representado por seu faturamento ou orçamento, acrescentado do impacto que gera na economia de uma região. Como valor cultural apresenta uma multiplicidade de fatores, como valor estético, social, de existência, espiritual, político e histórico.

As atividades culturais como artesanato, festivais, gastronomia, *shows*, espetáculos, cinema e outras empresas culturais provocam um impacto econômico positivo para a localidade.

Para o Ministério da Cultura (2008, p. 220) a economia da cultura:

[...] é um o setor que cresce, gera renda, exporta e emprega. Trata-se de um feito quantitativo e qualitativo. É ainda o setor que impacta positivamente, sobre outros setores igualmente vitais. Gera valor adicionado. Está baseado no uso de recursos inesgotáveis [como criatividade] e consome, cada vez menos, recursos naturais esgotáveis. Apresenta um uso intenso de inovações de impacto ao desenvolvimento de novas tecnologias. Finalmente, seus produtos geram bem-estar, estimulam a formação do capital humano e reforçam vínculos sociais e identidade.

A economia da cultura é um setor que cresce, gera renda, exporta e emprega, produz maior valor adicionado, fundamentado na utilização de recursos inesgotáveis como é o caso da criatividade e consome menos recursos naturais esgotáveis.

Em síntese, a economia da cultura analisa como ocorre a produção cultural focalizando a cadeia produtiva e a qualidade dos produtos; indica caminhos para uma melhor distribuição dessa produção, analisa perfil de quem demanda e, conseqüentemente, consome produtos e serviços culturais, além de estudar o impacto de um determinado setor cultural na renda e no nível de emprego.

Os produtores dessa riqueza cultural comprovam que tradições, produtos e serviços culturais criam oportunidades de renda e geram auto-estima para quem produz e reconhecimento da própria identidade cultural de quem consome e, com isso, proporciona a esses produtores e demais profissionais envolvidos, de todos os segmentos da cultura, a possibilidade de viver daquilo que querem: sua arte, sua cultura.

Resumindo, a *economia da cultura* ganha relevância, na medida em que pode servir como propulsor da viabilização da economia da criação e da indústria da cultura, fazendo com que possa tornar eficaz a lógica produtiva de geração de renda e emprego. O próximo capítulo enfatiza a importância do mercado de trabalho do setor cultural no Brasil a partir da década de 1990.

## **2 Cultura no Brasil: Aspectos Econômicos, Sociais**

As atividades culturais na economia brasileira se distinguem de outros setores econômicos, por favorecer a inclusão social e elevar a auto-estima. Contribui para ampliar a oferta de trabalho para a população de menor nível de escolaridade e baixo poder aquisitivo. Quando comparado a outros setores econômicos possui a vantagem de proporcionar mais emprego por valor investido e retornos financeiros mais elevados.

### **2.1 O Mercado de trabalho do setor cultural no Brasil a partir dos anos de 1990**

O mercado de trabalho é definido como: Uma possível definição de mercado de trabalho é o intercâmbio cotidiano de capacidade produtiva entre trabalhadores e empresas, que, juntamente com suas instituições, alocam recursos e renda entre si. Machado et al. (2010)

O mercado de trabalho se processa de forma que, o trabalho é a mercadoria e o preço do trabalho é representado pelo salário. Os trabalhadores são os ofertantes de trabalho e os capitalistas os demandantes.

Na Pesquisa Nacional de Avaliação do Impacto Econômico da Cultura, realizado por encomenda do Ministério da Cultura à Fundação João Pinheiro, com dados do período compreendido entre 1995 a 1998, revelou que a cultura respondia por 1,0% do PIB em 1997.

Dada as mudanças ocorridas ou consolidadas a partir da década de 1990, tanto no setor cultural composto pela criação de leis de incentivo, realização crescente de projetos culturais, maior parceria entre empresas e terceiro setor, quanto no campo econômico através da abertura da economia, mudanças no perfil de investimentos e globalização, ficou constatado pela Fundação João Pinheiro que para cada milhão de reais aplicados no Brasil, na área cultural, eram gerados 160 postos de trabalho diretos e indiretos. Nos quatro anos, período compreendido entre 1995 a 1998, apenas com a aplicação das leis de incentivo à cultura, foram investidos cerca de um bilhão de reais em atividades culturais e gerados 160 mil empregos.

A Tabela 1 mostra o número de ocupações no setor cultural, a sua distribuição entre os segmentos e a participação relativa de cada um no conjunto, no período compreendido entre 1992 a 2001. As tabelas 1, 2 e 3 registram as informações prestadas pelos consumidores, em nível de domicílio, para a pesquisa do PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada pelo IBGE. O PNAD informa os dados na ótica do consumidor segundo as Nomenclaturas da CBO – Classificação Brasileira de Ocupações.

**Tabela 1 -  
Número de ocupações no mercado de trabalho cultural no Brasil  
no período entre 1992 a 2001**

Área/Ano	1992	1993	1995	1996	1997	1998	1999	2001
1 Comunicação de massas	529.001	474.006	566.183	556.431	576.880	601.918	632.936	632.463
2 Sistemas restritos de informação	64.882	65.582	90.091	81.631	87.321	104.241	101.550	158.368
3 Artes e cultura de elite	317.528	330.965	351.944	307.185	335.773	332.165	327.578	388.972
4 Patrimônio e cultura popular	349.028	361.715	332.030	314.295	270.673	288.949	327.332	395.483
5 Espetáculo vivo e atividades artísticas	135.227	139.351	154.377	175.492	184.642	213.406	202.459	226.766
6 Educação	1.869.815	1.981.072	2.067.560	2.090.889	2.107.324	2.228.535	2.271.523	2.430.232
7 Esporte	72.818	83.326	105.361	108.059	120.224	125.551	124.150	128.426
<b>Total do mercado de trabalho cultural</b>	<b>3.339.199</b>	<b>3.437.017</b>	<b>3.667.546</b>	<b>3.633.982</b>	<b>3.682.837</b>	<b>3.894.765</b>	<b>3.987.528</b>	<b>4.360.710</b>
Total geral do Mercado de Trabalho Brasileiro	65.395.491	66.569.757	69.628.608	68.040.206	69.331.507	69.963.113	71.676.219	75.458.172
Participação do mercado da cultura no total	5,1	5,2	5,3	5,3	5,3	5,6	5,6	5,8
Participação da cultura sem considerar a educação	2,2	2,2	2,3	2,3	2,3	2,4	2,4	2,6

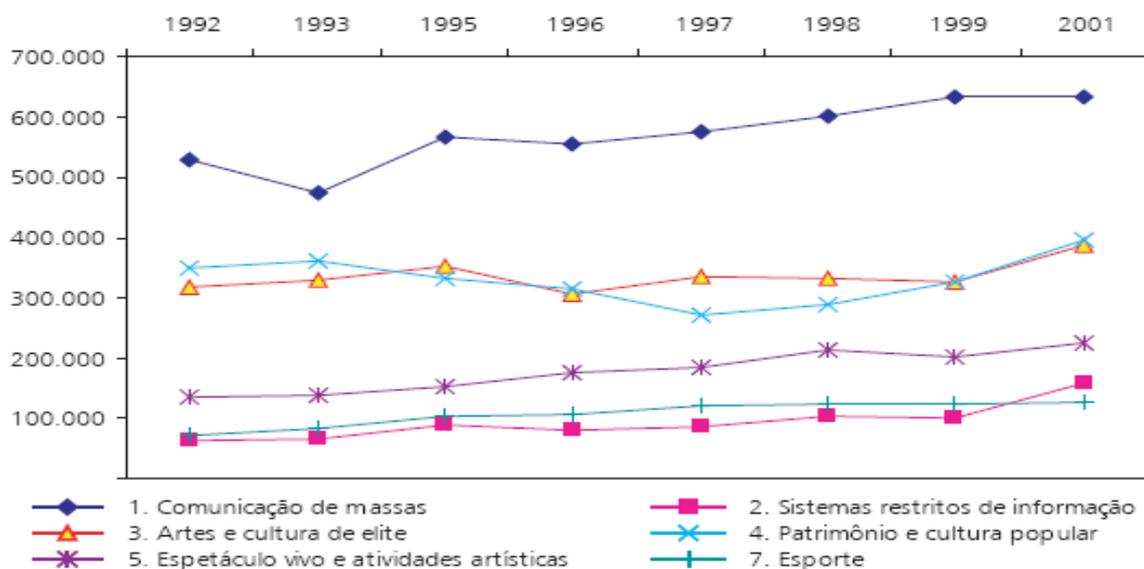
**Fonte: Silva (2007a, p. 85)**

**Fonte dos Dados Brutos: IBGE/Microdados do PNAD 1992 a 2001.**

O mercado cultural possuía 3 milhões e 339 mil ocupações, em 1992, número que aumentou para mais de 4 milhões e 300 mil em 2001. Enquanto o total do mercado de trabalho aumentou em 30,6% o emprego total aumentou em 15,4%. Quanto aos dados

da tabela 1 ainda pode-se considerar que o autor incluiu a rubrica educação como parte do setor cultural. De acordo com a RAIS, conforme ver-se-á posteriormente, estes são distintos.

A Figura 1 apresenta o comportamento da evolução do mercado cultural por segmentos.



**Figura 1 - Evolução do mercado de trabalho cultural por segmento, 1992 a 2001**  
 Fonte: Silva (2007b, p.86)

Pode-se visualizar na Figura 1 que, embora com poucas oscilações, todos os segmentos apresentaram um ligeiro aumento das ocupações em termos absolutos. A composição do setor cultural variou no período, mas não houve nenhuma tendência para o crescimento ou redução significativos de um segmento relativamente a outro. As variações na participação dos segmentos fizeram-se dentro de uma margem pequena.

A Tabela 2 mostra o rendimento médio em R\$, por segmento, no período compreendido entre 1992 a 2001.

**Tabela 2 –**  
**Rendimento médio do mercado de trabalho cultural, Brasil - 1991 a 2001**  
**(Em R\$)**

Área/ Rendimento Médio	1992	1993	1995	1996	1997	1998	1999	2001	Variação de 2001 em Relação a 1992
1. Comunicação de massas	466,94	459,26	596,24	647,54	626,66	610,66	587,70	565,91	1,21
2. Sistemas restritos de Informação	1.098,39	1.078,16	1.360,84	1.218,58	1.356,16	1.272,43	1.170,38	997,70	0,91
3. Artes e cultura de elite	853,99	1.004,93	1.304,07	1.298,18	1.387,07	1.370,91	1.315,73	1.181,40	1,38
4. Patrimônio e cultura popular	287,52	284,28	386,18	442,06	463,62	416,91	392,82	390,35	1,36
5. Espetáculo vivo e atividades Artísticas	382,12	841,58	1000,80	1.044,42	975,27	866,09	994,44	794,65	1,16
6. Educação	573,12	605,68	773,76	818,18	845,49	923,51	874,99	888,17	1,55
7. Esporte	600,47	702,23	938,64	1.090,18	929,31	1.090,65	915,54	836,63	1,39
Total do mercado de trabalho cultural	567,76	610,70	789,52	826,87	853,00	886,75	840,47	819,50	1,44
Mercado de trabalho não cultural	409,40	445,16	574,78	598,90	592,80	590,22	546,04	557,11	1,36
Mercado de trabalho total	417,53	453,71	586,08	611,03	606,60	606,71	562,40	572,19	1,37

**Fonte: Silva (2007b, p. 89)**

**Fonte dos Dados Brutos: IBGE/Microdados do PNAD 1992 a 2001.**

Verifica-se na Tabela 2 que alguns segmentos tiveram variações de renda inferiores ao mercado de trabalho, como um todo, a exemplo de comunicação de massas com 1,01%, dos sistemas restritos de informação<sup>8</sup> em 0,9%, patrimônio e cultura popular com 1,36% e espetáculo vivo e atividades artísticas em 1,16%.

No entanto, o rendimento médio do setor cultural é maior do que o conjunto do mercado de trabalho em, aproximadamente 30% e apenas o segmento patrimônio e cultura popular é caracterizado, no período, por rendimento médio inferior ao do mercado de trabalho geral de aproximadamente 30% menor. As ocupações melhor remuneradas, em média, no setor cultural são aquelas relativas aos sistemas restritos de informações, de artes e cultura de elites e, finalmente, de espetáculos vivos e atividades artísticas.

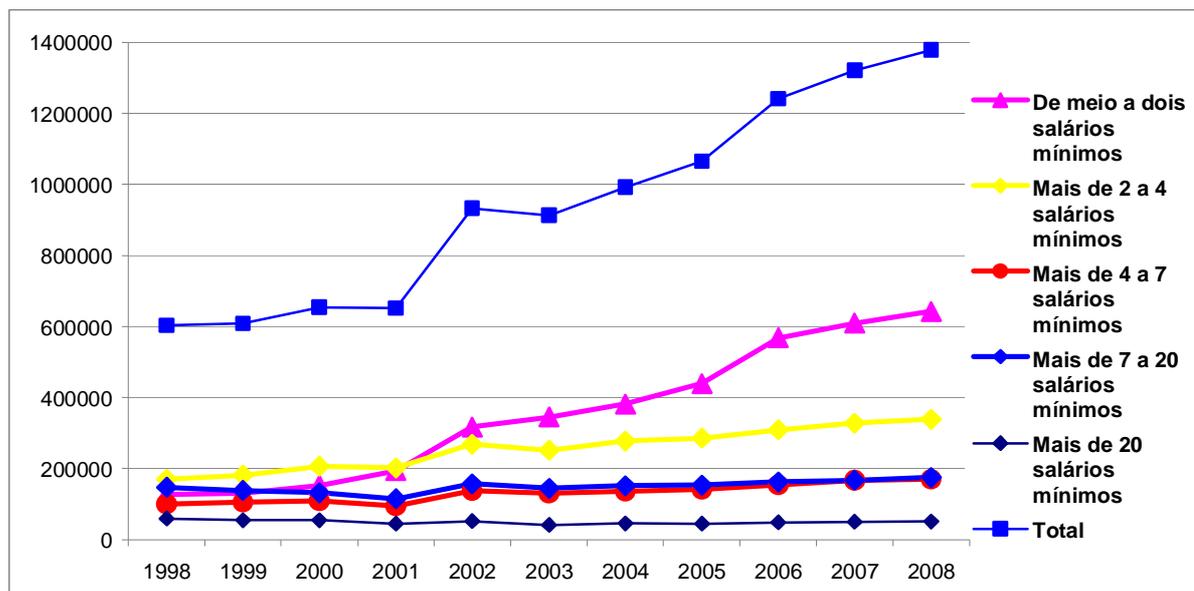
<sup>8</sup> Sistemas restritos de informação e comunicação, destinados a quem toma decisões (satélites, fax, telefones celulares e redes de informação por computadores), segundo classificação adotada pelo Ministério da Cultura.

Como escreve Reis (2007, p. 95):

[...] de pouco adianta estimular o crescimento de setores geradores de montantes siderais de direitos de propriedade intelectual, se a criação dessa riqueza produzida não for acompanhada de uma melhor distribuição de renda, propiciada pela inclusão socioeconômica de descartar os benefícios simbólicos fundamentais [...] valorização da diversidade, reforço da identidade nacional.

A tabela 3 apresenta o número de pessoas ocupadas por faixa de salários, relacionados ao setor cultural. No período considerado houve um acréscimo de 128,3% em termos de pessoal ocupado, sendo que a faixa mais representativa é a de até dois salários enquanto a de mais de 20 mínimos diminuiu em (-12,8%). A tabela 4 tem como fonte a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), declaração que as empresas prestam ao Ministério do Trabalho e Emprego, instituída pelo Decreto nº 76.900, de 23/12/75. A RAIS mostra os dados pela ótica da oferta, empresas.

A figura 2 expõe os dados sobre o número de pessoas por nível salarial, no período de 1998 a 2008..



**Figura 2 - Número de Pessoas, por faixa de Renda (nível de salário), relacionados a cultura – Brasil - 1998 a 2008**

Fonte: RAIS, 2009

## 2.2 Efeitos multiplicadores das atividades culturais na economia brasileira em anos selecionados

Para evidenciar o efeito multiplicador das atividades culturais é necessário descrever o seu conceito:

O efeito multiplicador é a capacidade que a atividade tem de estender, direta e indiretamente, os benefícios econômicos advindos da entrada de divisas, gerando empregos, impostos, originando uma rede de serviços das mais variadas áreas que movimentam recursos materiais e humanos, além do aspecto social de grande importância, pois possibilita a expansão do ser humano, através de realizações de negócios, associando a prática de lazer e a qualidade de vida (CASEMIRO, 2008, p. 2).

Conforme informações do Ministério da Cultura (2008, p. 139),

[...] em 1985, a participação no PIB total gerado pelas atividades [culturais] foi de 1,0%. Assim, considerando essa participação o conjunto de atividades relacionadas à cultura no Brasil perfaz cerca de 6,5 bilhões em 1997; 13,2 bilhões em 2002. Hoje, vinte e dois anos depois da estrutura inicial pesquisada e desenvolvida, metodológica e empiricamente, mesmo que nenhuma modificação metodológica em termos da estrutura da Matriz Insumo-Produto tenha sido objeto de estudos e pesquisas, apenas considerando as taxas médias de crescimento anual dos investimentos públicos e privados ocorridos no período 2002/2005 pode-se chegar a uma estimativa de que o PIB da Cultura representa 1,18% do PIB atingindo em 2005, aproximadamente, R\$ 21,8 bilhões.

Segundo a UNESCO<sup>9</sup> (apud REIS, 2007) as atividades econômicas da cultura já representavam em 1990 aproximadamente 4% do PIB dos países da OCDE<sup>10</sup>. Esta participação oscilava entre 1% a 3% nos países em desenvolvimento. No Brasil, o estudo disponível, realizado pela Fundação João Pinheiro, na segunda metade da década de 1990, estimava em 0,8% a fatia da cultura no PIB do país.

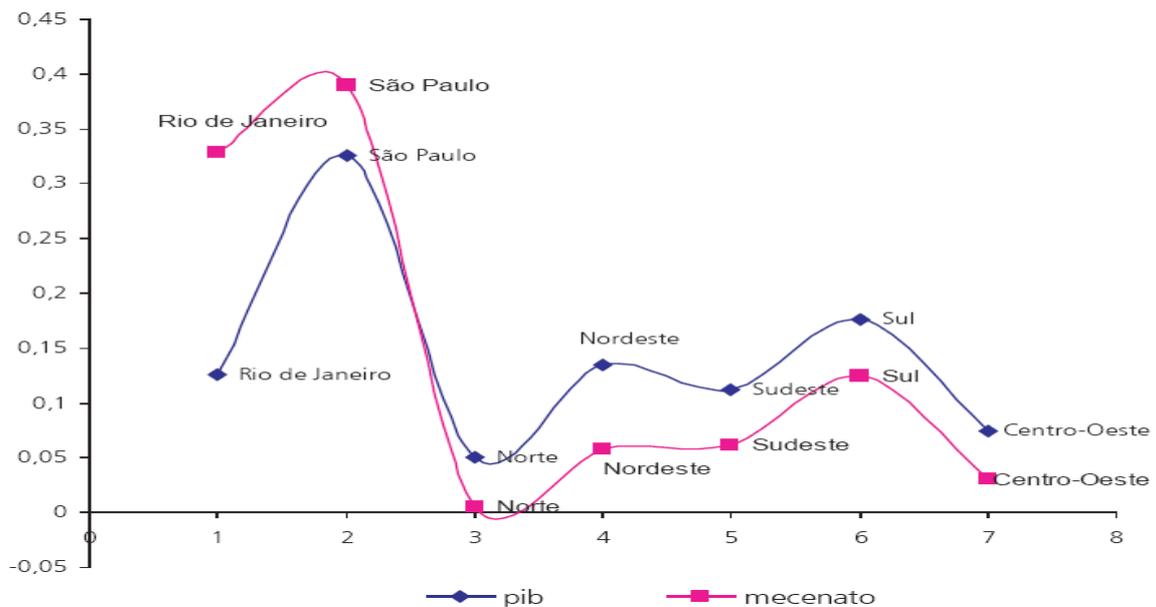
De acordo com o IBGE (2008) a receita líquida movimentada pela área cultural foi de 156 bilhões que representava 7,9% da receita líquida total, correspondente a 3,7 milhões trabalhando na área cultural em 2003.

A Figura 3 ilustra a participação proporcional de estados selecionados e regiões, em relação aos incentivos culturais e ao PIB, no período de 2002 a 2005, em percentual.

---

<sup>9</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

<sup>10</sup> Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE).



**Figura 3 - Participação de estados selecionados e regiões nos incentivos culturais e no PIB (%)**

Fonte: Silva (2007a, p. 215).

Verifica-se na Figura 3, que ao se relacionar os incentivos culturais com o PIB, apenas em dois estados – São Paulo e Rio de Janeiro – a proporção de recursos incentivados é maior que a proporção da participação do PIB estadual no PIB total. Ou seja, os empresários são mais sensíveis ao uso dos incentivos fiscais. Nos demais estados há uma dificuldade de acesso dos agentes culturais às empresas ou dessas às informações necessárias ao uso dos mecanismos disponíveis no País.

Em 2002, os dispêndios culturais atingiram R\$ 31,9 bilhões, aproximadamente 3% do total de gastos das famílias e 2,4% do PIB. As despesas com bens culturais relacionados às práticas domiciliares foram predominantes. Praticamente 85% dos gastos com cultura se referem às práticas realizadas dentro do domicílio, ou seja, com televisão, vídeo, música e leitura (IBGE, 2008).

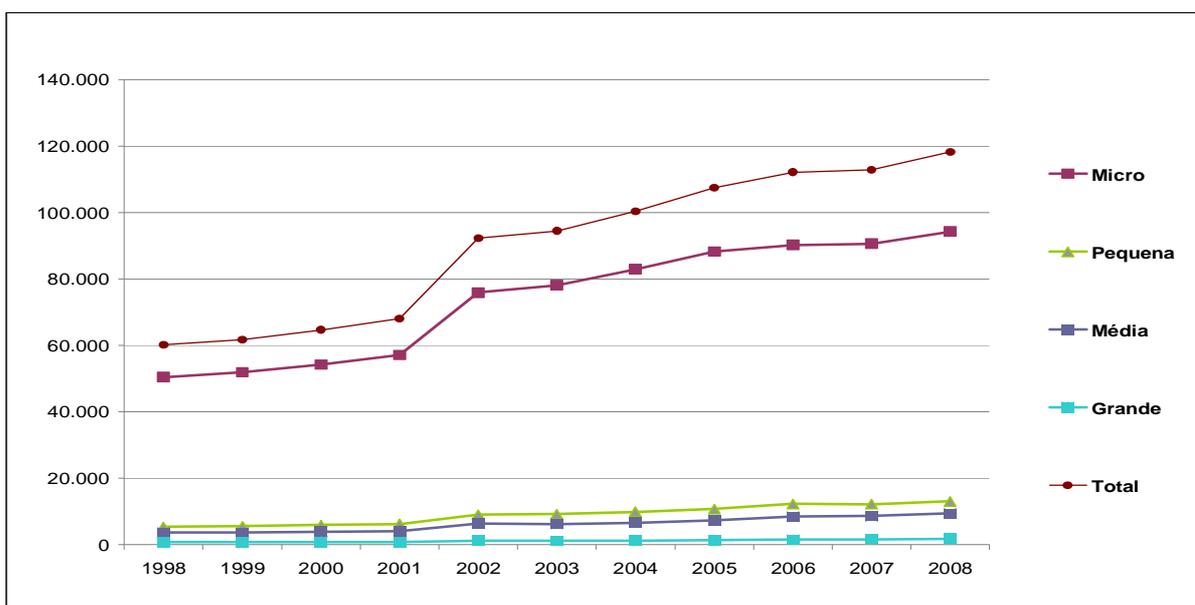
Segundo Silva (2007b, p. 26-27) realizada no período de 2002 a 2003:

As despesas fora de casa representam 17,8% e nelas predominam as atividades de lazer relacionadas a atividades artísticas. As despesas fora de casa compreendem desde as práticas mais culturais (teatro, *shows*, circo, cinema, museus, etc.) àquelas mais de divertimento (lazer, zôo, discoteca, etc.). As 27 primeiras representam 10,5% e, as segundas, 7,3% dos dispêndios culturais. Ambas representam R\$ 5,6 bilhões, 17,8% dos dispêndios totais com cultura. Em termos de montantes, o cinema representa 22% dos gastos com saídas, seguindo à frequência a espetáculos artísticos com 38%. Ambas as práticas, que podemos associar às artes tradicionais, ultrapassam os 40% destinados a outras saídas. Esses três itens representam 3,8% (cinema), 6,7% (espetáculos e artes) e 7,3% (outras saídas) dos

dispêndios totais das famílias. Os dispêndios com teatro representam proporção maior que a do cinema, ou seja, 4% dos dispêndios culturais das famílias (R\$ 1,2 bilhões).

Em termos de número de empresas por porte, a Figura 4 expõe os dados do período de 1998 a 2008 para o Brasil.

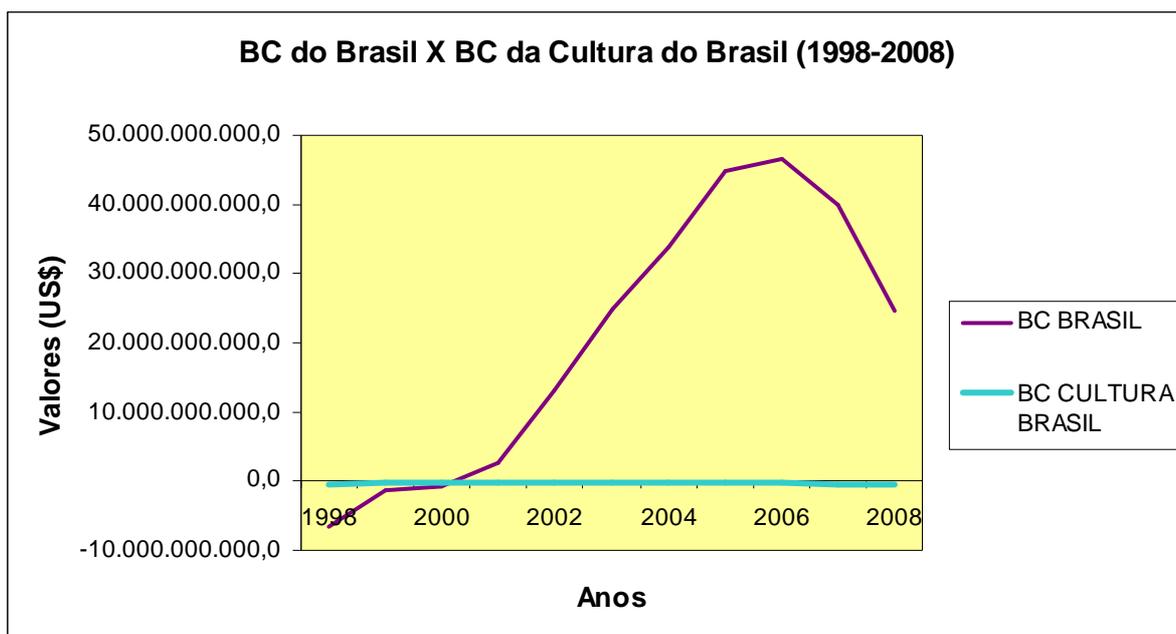
Há um predomínio, durante todo o período, de Microempresas enquanto o somatório das demais categorias corresponde a apenas de 20,3% em média do total no período. Também se verifica que houve um crescimento de 96,8% do número de empresas entre 1998 e 2008.



**Figura 4 - Número de empresas por porte, relacionados a cultura – Brasil - 1998 a 2008**

Fonte: RAIS, 2009

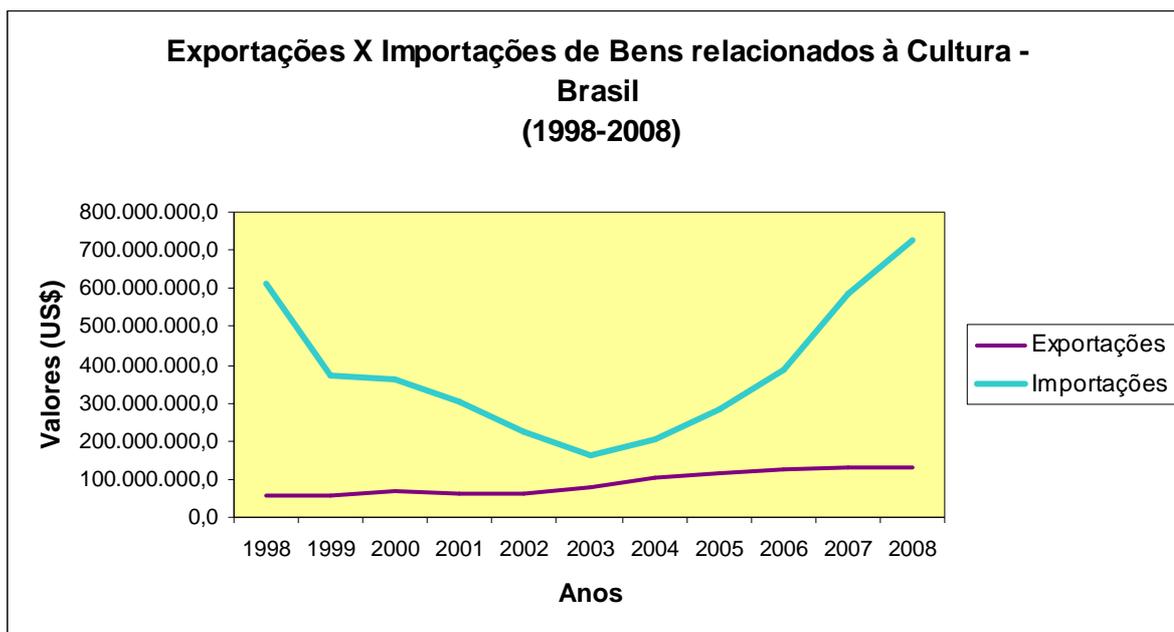
Quanto ao comércio exterior brasileiro tem-se neste período um aumento das exportações brasileiras, até o ano de 2006 quando passa a reduzir-se, devido a valorização do real em relação ao dólar. Entre os principais produtos exportados pelo país estão: os agropecuários, os minerais entre outros. No que se referem aos bens culturais, mais especificamente, a figura 5 mostra esta participação. Entre os principais produtos exportados estão: Outros livros, brochuras e impressos semelhantes; Quadros, pinturas e desenhos, feitos a mão; Artigos e equipamentos p/cultura física, ginástica, etc...; Outros jornais e publicações periódicas, impressos; Outros impressos, com um valor de aproximadamente de 37,8% a 49%.



**Figura 5 - Balança Comercial do Brasil e a participação da Balança Cultural -1998 a 2008**

Fonte: MDIC, 2009

No que se refere ao saldo da balança comercial de bens culturais, a Figura 6 apresenta esta evolução no período de 1998 a 2008. Enquanto no final da década de 1990, nossas importações de bens culturais estavam concentradas em: Outros livros, brochuras e impressos semelhantes; Outros jornais e publicações periódicas, impressos; Dicionários e enciclopédias, mesmo em fascículos; Carrosséis/balanços/outras diversões p/parques, circos, etc...; Brinquedos c/enchimento, de figura animal ou não-humana (56,7%) ao termino de 2008 importávamos: Outros livros, brochuras e impressos semelhantes; Outros brinquedos de qualquer tipo; Outros brinquedos representações de animais e criaturas não-humanas; Outros bonecos, mesmo vestidos; Artigos para festas de Natal; Outros brinquedos com motores elétricos com 51,1%. Desta forma percebe-se que houve uma substituição de produtos de comunicação passando para produtos de menor valor agregado, importados da China.



**Figura 6 - Balança Comercial de Bens Culturais Brasil – 1998 a 2008**  
Fonte: MDIC, 2009

### Considerações Finais

Sendo a cultura compreendida como todas as formas de expressão artística e todo o patrimônio material e simbólico da sociedade, tal conjunto é essencial para a memória e a identidade do país.

A cultura não é apenas algo que dá prazer, que entretém o ser humano, mas também é o meio de construção de valores, identidades em que os indivíduos e a sociedade podem usufruir de uma existência intelectual, moral e afetiva, na medida em que as atividades culturais estimulam a imaginação, a auto-estima, a sensibilidade e as capacidades críticas e criativas.

Outra dimensão da cultura, pela qual toda a sociedade se beneficia, é a econômica. As atividades culturais como artesanato, festivais, gastronomia, *shows*, espetáculos, cinema, entre outras, promovem um impacto econômico positivo para a localidade onde são realizadas. Para executar as atividades culturais é necessário ações, como: ser uma atividade jurídica, contratar mão de obra, realizar dispêndios, como locação, restauração ou construção de imóveis, compra de equipamentos, contratação de serviços, entre outros.

Além disso, a cultura também está associada a atividades como o lazer, o turismo, o setor externo, e nessas situações, sempre existem os gastos de consumo seja de *souvenirs*, pelo público visitante ou a necessidade de receber os visitantes, oferecendo oportunidades culturais para divulgar os costumes, danças, entre outros. Todos esses dispêndios têm um efeito multiplicador sobre a renda e, conseqüentemente, são gerados empregos. Assim, a cultura também se configura como uma importante forma de inclusão social e cultural de diferentes setores e segmentos da sociedade, amenizando assim, o desemprego e a pobreza.

No Brasil, a cultura tem desde a década de 1990 contribuído, de forma relevante, para o emprego, não só em números, como em geração de renda, embora a maior parte dos empregos percebam uma faixa de renda entre 0,5 a 2 salários mínimos.

## Referências

BARACHO, Maria Amarante Pastor; REIS, André. **Estado, Cultura e Mercado na era da globalização:** Reflexões e Possibilidades. Belo Horizonte: [S. ed.], 2001. Disponível em: <[http://www.duo.inf.br/culturaonline/arquivos/baracho\\_e\\_reis.pdf](http://www.duo.inf.br/culturaonline/arquivos/baracho_e_reis.pdf)>. Acesso em 30 mar. 2008.

BRANT, Leonardo. **Mercado cultural:** panorama crítico com dados e pesquisas e guia prático para gestão e venda de projetos. 3. ed. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 7-135.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA - MINC. **Palestra do ministro Gilberto Gil no Instituto Rio Branco.** Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/noticias/discursos>> Acesso em: 15 mar. 2008

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Indicadores de Cultura no Brasil.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 15 mar. 2008.

BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA E COMÉRCIO – MDIC. **Estatísticas de Comércio Exterior.** Disponível em: <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/> Acessado em: 20 de julho de 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, **Bases Estatísticas RAIS / CAGED - Acesso Online.** Disponível em: <<http://sgt.caged.gov.br/index.asp>>. Acesso em: 10 de Outubro de 2009

CASEMIRO, Kátia Costa de Oliveira Rocha. **O Turismo de Eventos em Vitória da Conquista – Bahia.** Disponível em: <<http://www.projetu.com.br.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2008.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Seção II Da Cultura**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03)>. Acesso em: 10 abr. 2008, p. 134-135.

\_\_\_\_\_. **Artigo 215**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03)>. Acesso em: 10 abr. 2008, p. 134-135.

FARIA, Hamilton. **O desenvolvimento cultural como desafio**: desenvolvimento cultural e plano de governo. São Paulo: Polis, 2000. p. 7-35.

LESSA, Carlos. **Economia da Cultura**: A força da Indústria Cultural no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ. 2003, p 178-185.

MACHADO, ANA FLÁVIA et al. **Economia social - mercado de trabalho, pobreza e desigualdade e criminalidade**. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/pbh/arquivos/mod9parte1.pdf>  
Acesso em 21 de jan. 2010

REIS, Ana Clara Fonseca. **Marketing cultural e financiamento da cultura**: teoria e prática em um estudo internacional comparado. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003. p. 1-65.

\_\_\_\_\_. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável**: o caleidoscópio da cultura. São Paulo: Manole, 2007. 354p.

REIS, Antonio. **Políticas Culturais**: objetivos e estratégias In: Observatório da Revista Marketing Cultural *On Line*. O que é Marketing Cultural? São Paulo. Disponível em: <<http://www.marketingcultural.com.Br/oquemktcultural.>>. Acesso em: 4 mar. 2007.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo Dicionário de Economia**. São Paulo: Best Seller, 1989, p. 459.

SILVA, Antonio Barbosa. Economia e Política Cultural: acesso, emprego e financiamento. **Coleção Cadernos de Políticas Culturais**, v. 2. Brasília: Ministério da Cultura, 2007. 308 p. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/?p=11168>>. Acesso em 10 out. 2007a.

\_\_\_\_\_. Economia e Política Cultural: acesso, emprego e financiamento. **Coleção Cadernos de Políticas Culturais**, v. 3. Brasília: Ministério da Cultura, 2007. 308 p. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/?p=11168>>. Acesso em 10 out. 2007b.

VALIATI, Leandro; FLORISSI, Stefano (orgs.). **Economia da cultura**: bem-estar econômico e evolução cultural. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. 118p.